Quinta-feira, 18 de junho de 1885

A EPOCA

MEMORIAL DOS ACONTECIMENTOS DA SEMANA

1.º ANNO

ASSIGNATURA
Por anno, em Aveiro . . . . . 1$000 réis
Reino, ilhas, ultramar e Brazil accresce o custo da estampilha.
Numero avulso . . . . . 30 réis
Publica-se ás quintas-feiras

PROPRIETARIOS — MELLO FREITAS & MELLOS GUIMARÃES

REDACTOR LITTERARIO — MELLO FREITAS

PUBLICAÇÕES
Annuncios por linha . . . . . 20 réis
Repetições . . . . . 10 »
Communicados, por linha . . . . . 30 »
Aos assignantes abate-se 20 p. c.
Toda a correspondencia deve ser dirigida ao escriptorio da redacção, Rua Direita, 91 — AVEIRO

N.º 20

Aveiro

VERDADES

Portugal marcha a passos de gigante n'uma ruidosa desorganisação administrativa e economica. Os cargos publicos raras vezes cabem aos que os que merecem por seus talentos, e austeridade. O favoritismo substitue vulgarmente a carencia de meritos dos pretendentes anciosos das grossas prebendas na vida facil, das secretarias e mais nichos commodos que a nação subsidia a punhados d'ouro. Ha uma febre sem intermitencias de retirar as forças organicas da exploração dos thesouros da natureza para as entreter com a sopa certa do ordenado a troco d'um retalho de papel almaço ao fim do mez.

E' uma doença quasi geral, ameaça desencadear-se em epidemia desde Peniche até Fronteira, desde Melgaço até Santa Maria. Já não é um segredo para ninguem que nas altas regiões do Estado, a lepra da corrupção lavra intensamente, envolvendo nas suas labaredas os funccionarios grandes, tão grandes nos ordenados que percebem como pequenos nos serviços que prestam, e que bem se assemelham aos pigros zangãos entretidos a lamber o melhor mel das colmeias. Os governos fracos e ineptos, não têem folego para se desembaraçarem d'estes empecilhos ociosos, que os amordaçam por meios faceis conhecidos. Tudo assim favorece a corrupção e encaminha a maiores desastres.

E' claro que com tal situação toda a seiva do paiz se exhaure, extenuando o contribuinte, inquieto e sobresaltado pelas repetidas exigencias do fisco, mas por ellas mesmas collocado na impossibilidade de erguer-se para se impôr e para luctar. E' doloroso e triste. Caminhamos para um futuro arripiado de difficuldades, esmagam-nos o espirito as apprehensões mais sinistras, escurentam-se-nos os horisontes, e em presença de tantos perigos, sentimo-nos inermes, e reconhecemos a impossibilidade de pôr um travão seguro á roda de tantos males sem operar uma reforma radical nas leis e reprimir com novos preceitos o egoismo de muitos e despedaçar o indifferentismo de tantos outros.

Quem verdadeiramente se interessa pelo progresso do paiz, e conhece as normas indignas por onde os governos se guiam e a dissolução que ostentam sem impudor as camadas dirigentes, não póde appelar como salvaterio para uma substituição do systhema representativo, pois segundo a phrase d'um illustre publicista,—o que nos rege é bastantemente elastico para que a evolução continue pacificamente, gradualmente, sem os saltos que precipitam e sem as desegualdades que retortam os movimentos sociaes: mas não póde deixar de querer que no meio d'esta calmaria enfermiça surgisse a energia dos homens de 20 e de 34 para imprimir á nação uma vida nova e vigorosa e varrer da meza larga do estado os parasitas e ociosos que são inuteis para o trabalho, e só cuidam de saciar as reclamações do ventre.

Póde aguardar-se esse momento solemne. Os factos encaminham-se a demonstrar que o movimento por ora latente já se aproxima.

MADRID

(Correspondencia particular da EPOCA)

Colera em Madrid!

Olá! olá! como dizia o Gran-Tamorlan da Persia.

Pois sim senhores. Temos colera em Madrid. Colera nostras. Colera sporadico. E colera asiatico, importado de Valencia.

Oh! este ultimo tem uma historia curiosa: dois guardas civis que foram a Valencia escoltando presos, regressaram ao seu quartel da rua do duque d'Alba em Madrid, contagiando ali o colera. N'esse quartel havia 150 soldados, 120 creanças e 100 mulheres! Toda esta gente, excepto os enfermos, foram expedidos para a outr'ora principesca residencia do marquez de Salamanca em Vista Alegre, n'um arrabalde da capital.

Em seguida um piquete de *varredores municipaes* desinfectou o quartel e todas as casas da mesma rua, de Duque de Alba, a qual está no coração de Madrid.

Infeliz Aveiro, eu te compadeço. Tu não pódes seguir o exemplo d'esta cidade. Tu tens ovos molles, tricanas, fogueteiros, cavallaria 10, feira de Março, jardim publico, bandeira de Santa Joanna, theatro, lyceu, Misericordia, asylo, balcões e mil outras coisas aproveitaveis; mas não tens *varredores municipaes*. Os teus varredores, cidade querida, não são municipaes; são curiosos; amadores, voluntarios. Nem o cortezão Cócó, nem o insinuante Manuel Firmino é capaz de mandar sobre elles.

Não, Aveiro. Que o sr. Manuel Firmino não cuida de imitar o seu collega de Madrid, o sr. Bosch!

Este sr., o actual presidente da municipalidade da *cidade do urso e dos medronhos* está desacreditando o colera. Não o trata com a consideração e scientifico acatamento merecido. Ao contrario quer depreciál-o, fazendo-lhe uma concorrencia afrontosa.

Até aqui o colera era uma individualidade cujo poder toda a gente reconhecia. Agora não e não; a quem se deve curvar a cabeça não é ao colera, senão a outra epidemia, á das providencias hygienicas adoptadas pelo sr. Bosch.

Senão veja-se o que aconteceu agora. Denunciou-se *caso de doença suspeitosa*, e logo penetraram no quarto do enfermo o sr. Bosch, e auctoridades administrativas. Acudio tambem um delegado de saude. Alguns varredores entraram em fórma com seringas de desinfectantes engatilhadas. Á porta do doente foi collocada policia. E policia na escada. E policia na rua. E interrogatorios aos que passam, aos que entram, aos que saem, aos que estão em casa, ao proprio doente. Ah! e este tem de responder ao medico de cabeceira, ao municipal, ao da delegação de saude, ao *alcaide* governador, aos *reporters*, aos curiosos, aos amigos, á familia, etc., etc., etc.

D'esta maneira é preferivel... não ter colera pela superior razão de não aturar as consequencias do escandalo que as providencias do sr. Bosch armam a um doente.

Eu considero o colera como um cavalheiro; e assim espero que não se rebaixe a bater se com os varredores municipaes de Madrid. Para socego do meu e dos corpos dos actuaes habitantes desta côrte, e tambem para que o sr. Bosch gose um maior entumecimento da sua vaidade.

Oh! O sr. Bosch vencerá o colera. O seu espirito lucido e inspirado tem invenções triumphadoras,

Quereis saber, leitores da *Epoca*, a sua ultima descoberta para derrotar o colera. Eil-a em toda a exacção das letras municipaes que em caracteres gigantescos negrejam pelas esquinas: — serão mandados matar os cães que se encontrarem sem açaimo ou *faltos do asseio devido*.

Isto é textual.

Açaimem-se os cães, dê-se-lhes o *asseio devido*, e ai! do colera. O açaimo e o *bidet* aplicados aos cães desacreditarão certamente o dr. Ferran.

Sem embargo e para gloria do dr. Ferran, suplico aos Deuses immortaes que não sugiram ao sr. Manuel Firmino o prurido de imitar o sr. Bosch.

O sr. Manuel Firmino tem o condão e o orgulho da originalidade. Espero portanto que não irá traz o seu collega de Madrid.

E aqui á puridade, os casos de colera dados em Madrid não são para assustar. Longe de terem caracter epidemico, são essencialmente factos da indigestão e da miseria.

Animo pois!

E passemos tranquillamente a outros assumptos, e entremos com desafogo nos campos da politica.

Feita a união dos partidos monarchico-liberaes apenas ficou de fóra o sr. Lopez Dominguez com os seus satelites. Este facto deu logar aos mais variados commentarios e do disparate d'elles sahiu o boato de que aquelle general iria brevemente á fronteira franceza conferenciar com o revolucionario Zorrilla.

Aproximo d'este boato, que creio infundado, um facto e ambas servirão para apreciar do estado da opinião publica.

Ha dias o sr. Castelar encontrou um general director de um ramo importante da administração militar, que se achava n'um passeio com um grupo de amigos. Fallou-se de politica, e o sr. Castelar em voz limpida e echoante disse ao general:

—E' indispensavel ir á revolução.

E' claro que o general, como monarchico, lhe respondeu logo que a revolução tropeçaria com a sua espada. Mas não é menos certo, que quando um homem pacifico e ordeiro, como o sr. Castelar, faz aquella affirmação é por que o caso não está para menos.

---

7 FOLHETIM

AS AVENTURAS D'UM MORTO

CONTO PHANTASTICO

DE

Gaspar Nuñez de Arce

TRADUZIDO

POR

MELLO FREITAS

(Continuação)

Vi um mundo ethereo povoado de espiritos dotados de lucida transparencia, que vagavam pela abobada infinita envoltos no manto das nuvens, nas brumas do mar e em nebrina das horas crepusculares. A minha alma estava embebecida na contemplação deste immenso numero de espiritos, immenso como o das creaturas que de geração em geração cruzaram a terra; ali estavam as donzellas que tinham morrido sem receber o osculo do amor, puras brilhantes como a chamma que circunda o throno do Eterno; ali os martyres, dolentes todavia como um gemido; ali os aventurosos, ali os desgraçados.

Desventurados os que não crêem! Mil vezes desventurados os que no sopro da aura, que lhes brinca com os cabellos, no primeiro raio do sol, que entra a despertal-os no leito, nas brandas melodias, que lhes accordam de improviso os ouvidos e nos presentimentos de seu coração, nada vêem, nada ouvem, nada entendem; por que no murmurio da aura, no raio do sol, nos indecisos rumores da natureza acercam-se d'elles e fallam-lhes os espiritos emancipados da vida terrena, os seres que amáram, a humanidade que falleceu. ¿Quem não julgou perceber alguma vez nas suas noites de insomnia o que quer que seja parecido ao rapido giro das sombras, que passam, a beijos que estalam, a suspiros que se perdem no silencio, e a vozes mysticas que parecem descer do alto, ou vir de muito longe? Não; a existencia não acaba na profunda obscuridade da sepultura; ha *um mais alem* consolador, uma esfera ultramundana, donde os que foram velam pelos que são, tranquillisando-os nas suas afflicções, enxugando-lhes as lagrimas e cicatrisando-lhes as feridas com o celeste balsamo do esquecimento. Não choreis vós que tendes perdido a mãe, a amante ou um amigo, porque de noite as suas almas apaziguadôras virão alagar-vos em forma de sonho; porque a sombra que passa, o suspiro que vos commove, e a voz que vos adormece, são d'elles, são recordações que vos consagram, são as suas palavras, são as suas caricias.

Porém, não julgueis que ali todas as almas são felizes. Ai! não. Tambem a dôr alça a sua fronte tetrica no seio da immortalidade; tambem ha ali almas solitarias, desterradas no meio das suas companheiras, tão tristes como quando arrastavam a pesada cadeia da sua vida mortal.

São as virgens enamoradas que aguardam a vinda do seu promettido para subirem, confundidas no mesmo beijo á presença de Deus; são os tyranos e os verdugos que não teem no mundo um coração sobre que pousar-se, nem uma memoria que refrescar com a sua recordação, são as mães que anhelam estreitar em seu regaço espiritual, como estreitáram em seu regaço corporeo, o filho de seu amor; são os suicidas de quem fogem os eleitos do ceu; são as almas que esperam, e as que não esperam nada!

Ali estão unidas em santo e indissoluvel vinculo as almas dos que se bemquizeram na terra, inflammadas em amor casto como o dos anjos, amor sem zelos, livre da paixão brutal dos sentidos e dos cegos arranques da vaidade. Ali estão Laura e Petrarca, Tasso e Leonor, Dante e Beatriz e um sem numero d'amantes ignorados, mas tão heroicos como estes, cercados de diafanas aureolas...

Ali estão, conforme vos disse, os açoutes da humanidade, sós, sombrios e atormentados. Ah! que prazer seria o seu se podessem apagar com o seu pranto as nodôas de sangue que deixaram impressas na terra, para ouvirem no seu isolamento os gemidos incessantes das suas victimas, a execração dos vivos e a interminavel accusação dos mortos! Seus espiritos giram no espaço entenebrecidos de fadiga; cada hora, cada dia, cada seculo, que passa, deposita sobre as suas memorias um anathema sem fim, e a historia implacavel transmitte de geração em geração os seus aborrecidos nomes para que nunca terminem as maldições da humanidade.

Quando mais absorto estava na contemplação d'aquelle mundo maravilhoso, senti-me de subito arrebatado, como por uma força interior e secreta e outro novo quadro apparece diante de mim. Achei-me na côrte de Hespanha, cruzei rapidamente como um passaro as suas arterias principaes e por ultimo detive o vôo sobre a rua de Fuencarral que se estendia a meus pés animada e buliçosa. Passava então precisamente por ella um carro mortuario, e sem difficuldade comprehendereis a minha surpresa quando vos diga que n'elle, encerrado em humilde caixão de pinho forrado de tela negra, alcancei ver um corpo morto, cujo rosto desfigurado e amarellento conheci em seguida. ¿Como não ser assim, se era o meu?

(Continúa.)

Não obstante alguns periodicos asseguram que o sr. Castelar não vae com os zorrillistas. Ha um facto que prejudica esta opinião, e vem a ser o da visita do sr. Castelar ao centro do partido de Ruiz Zorrilla, n'esta semana.

Deixem-me rematar esta carta com *un mot de la fin*.

Um janota pataqueiro perseguiu uma joven emancipada, sem familia mas com luxuosos vestidos e riquissimas joias. Acompanhava-a a cavallo junto ao estribo do milord e pedia-lhe em frases da mais retorcida galanteria uma entrevista. A insistencia molestava a dissoluta banqueira, que com olhar experiente devassou as algibeiras do pretendente e gritou ao cocheiro :

—A casa da modista!

Plutus derrotou fulminantemente as as icareas azas do Cupido pelintra.

E a historia manda que se diga que este não pôde encobrir o seu vexame deante de alguem que surprehendeu o fecho de tão infelizes amorios.

15—6—85.

CARLOS FARIA.

CINCO DE MAIO

UM REI LITTERATO

Para commemorar o 64.º anniversario da morte de *Napoleão o Grande*, a 5 de maio, o nosso patricio, parente e amigo, Joaquim da Silva Mello Guimarães, conhecido litterato portuguez no Rio de Janeiro preparou um folheto prefaciado e annotado eruditamente que os jornaes brasileiros noticiaram com louvor.

A sigla—M. O.—que subscreve o opusculo tem sido adoptada pelo sr. Joaquim de Mello Guimarães em outros escriptos anteriores e corresponde ás finaes de *Joaquim de Mello*.

O *Paiz* disse o seguinte:

«Completam-se hoje 64 annos do fallecimento de Napoleão I, em Santa Helena.

Este desenlace do mais tremendo martyrio, que foi dado a este seculo presenciar, é commemorado hoje por um distincto litterato, que se assigna M. O.

Collectou elle, e fez imprimir nitidamente, em formoso opusculo tres versões em portuguez da inspirada ode *Il Cinque Maggio*, de Alessandro Manzoni, inspirado poeta lyrico da Italia.

Foi escripta essa ode em commemoração da morte do homem extraordinario, que teve em suas mãos o destino dos reis e das nações, e que morreu exilado, prisioneiro em um rochedo, e separado da familia, sequestrado de todas as suas affeições, e miseravelmente abandonado, sem soccorro, ou auxilio humano.

Nenhum outro poeta excedeu o italiano; e esses versos são reputados a mais bella poesia lyrica da epoca. Ella conta 6 traducções em latim, 3 em francez, 7 em hespanhol, 1 em catalão, 3 em portuguez, 8 em allemão e 1 em inglez.

Das versões em portuguez uma é de Sua Magestade, o sr. D. Pedro de Alcantara, Imperador do Brazil, e julga o collector que ella é inteiramente desconhecida, tendo sido apenas ouvida de raros intimos nas palestras de S. Christovão.

«O livro, onde se estampou, não o possuem as bibliothecas publicas d'esta capital, accrescenta elle, e tampouco se encontra aqui á venda em casa dos livreiros.»

Razão fôra isso, e a belleza dos versos, para os trazermos, com a devida venia, para as nossas columnas; mas não devemos tirar ao livro grande parte do seu interesse; e nos contentamos, por isso, com assignalar sómente essa homenagem prestada por um Principe estudioso á realeza do talento, ao cantor immortal de *I Promessi Sposi*».

A *Gazeta de Noticias* de 9 de maio consignou:

«Um amador, que se encobre modestamente sob as iniciaes M. O., acaba de publicar com o titulo *Cinco de Maio* a celebre ode de Manzoni a Napoleão e juntamente tres traducções portuguezas.

A ode de Manzoni, desde que foi publicada, provou enthusiasmo que ainda persiste. E' um trecho de grande belleza, puro, profundo, que quanto mais lê-se mais se aprecia e admira.

As traducções agora reimpressas tem os defeitos e qualidades d'este genero de trabalhos.

Todas reproduzem a ideia com fidelidade; todas reproduzem por vezes a fórma com pureza. A de D. Pedro de Alcantara, se tem versos que não satisfazem ás exigencias do metro; em compensação tem outros muito felizes.

O colleccionador acompanhou o volume de notas eruditas e curiosas».

O *Jornal do Commercio* reservou no seu folhetim de 17 do mez passado duas columnas á apreciação lisongeira do opusculo.

O *Diario Portuguez* a 5 de maio demorou-se n'uma apresentação graciosa para o illustrado annotador e d'ali, por falta de espaço, copiamos apenas o trecho immediato que tanto encarece a suberba elegia de Manzoni :

Sabe-se que a monumental ode de Manzoni repercutiu no illuminado mundo da arte com a vehemencia de um trovão e o deslumbramento inegualavel de uma aurora.

E' uma coisa infinitamente elegiaca, doce, melodiosa, ensoluçada de lagrimas, cheia do assombro que na alma emocional dos poetas produzem tanto as formidaveis catastrophes, os desmoronamentos epicos dos heroes, o baque estrondoso dos colossos, como os risos serenos das crianças e os desbotamentos castos das magnolias e dos lyrios.

E' um dos melhores trechos de poesia que o seculo XIX germinou e produziu».

São do prefacio as seguintes palavras:

«O *homem fatal*, o ente predestinado, o enviado da Providencia, havia cumprido a sua missão. Depois de prolongada agonia, Napoleão o Grande cessou de soffrer a *5 de Maio* de 1821.

«Esta situação tão pungente e tão altamente dramatica commoveu todos os espiritos e infundiu então, e por largos annos ainda, o estro dos mais notaveis engenhos poeticos do nosso seculo.

«Nenhum poeta, porém, logrou a fortuna de Alexandre Manzoni; e com quanto o assumpto fôsse verdadeiramente inspirador, nem por isso Delavigne, Béranger, e o proprio Byron conseguiram vencer o grande lyrico italiano.

«Quando Manzoni recebeu a noticia da morte de Napoleão, achava-se no jardim da sua residencia de Brusiglio, e, vivamente impressionado, retirou-se para o seu gabinete, onde desde logo começou a traçar a ode monumental que tres dias depois estava completa—«tres dias, por assim dizer, de convulsão, em que se sentiu exhausto.»—

«Não a podendo publicar sem licença da censura austriaca (o lombardo-veneziano estava então, e ainda permaneceu muitos annos, sob o dominio da casa de Hapsburgo, como todos se recordam), e prevendo que lhe seria negada, usou o poeta um feliz estratagema para a sua vulgarisação. Em vez de mandar uma só cópia, como era costume, mandou duas, contando que algum dos empregados da policia ficasse com uma para mostrar confidencialmente.

«Assim aconteceu: a censura recusou a licença, e guardou cuidadosamente um exemplar. O outro desencaminhou-se; mas no dia seguinte a poesia condemnada circulava em toda Milão, sem que o auctor podesse ser inculpado por isso.

«Recebida diversamente pelos sectarios das duas escholas *classica* e *romantica*, cuja lucta era então tenaz e vivissima, a ode de Manzoni (o auctor era considerado chefe dos romanticos na Italia) achou detractores implacaveis e ardentes enthusiastas.

«Vertido em allemão por Goethe, imitado em francez por Lamartine, julgado intraduzivel por Longfellow, o *Cinco de Maio*, «uma das mais bellas lyricas do nosso seculo... digno epilogo poetico de uma grande epopéa historica», fez em breve o gyro do mundo; e a prophecia do auctor, de que compuzera

.....un cantico
Che forse non morrà,

vai sendo de todo o ponto realizada.

«Os annos decorrem, e a admiração por este bellissimo carme não cessou ainda; antes augmenta cada dia, não só na Italia como nos paizes extranhos.

«E' um côro pleno de vozes unisonas, e entre estas que vozes! Muitas d'ellas resoam ainda, e outras continuamente se lhe ajuntam,» diz Meschia.

Na Italia, alem dos criticos já citados em notas, o professor G. Rigutini considera o *Cinco de Maio* «exemplo estupendo de lyrica heroica»; e De Sanctis classifica-o «composição epica em formas lyricas».

Em Hespanha D. José Llausás chama-a «a grande ode esculptural do seculo»; em Portugal o sr. Latino Coelho conceitua-a como «saudação sublime», e Rebello da Silva reputa-a «uma das paginas admiraveis d'este seculo».

CINCO DE MAIO

TRADUCÇÃO DO IMPERADOR DO BRAZIL

Morreu, e, qual marmoreo,
Solto o postremo alento,
O corpo jaz exanime
Orpham d'um tal portento;
Assim surpresa, attonita
A terra co'a nova está,

Muda pensando na ultima
Hora do homem fatal,
Nem sabe se tão celebre
Planta de pé mortal
Seu pó de sangue avido
Inda pisar virá.

Fulgido sobre o solio
Meu genio o viu; calou-se.
Quando, por vezes várias,
Cahiu, surgiu, prostrou-se,
A minha voz d'innumeras
Ouvido não terá.

Virgem de vil encómio
E de covarde insulto
Surge abalado ao subito
Finar do ingente vulto,
E solta á urna um cantico
Immorredor quissá.

Dos Alpes ás Pyramides
Do Manzanar ao Rheno
Elle fuzila; e rapido
Raio é o seu aceno.
Trocu de Scilla ao Tanais,
D'um até outro mar.

Foi véra gloria? Aos posteros
A ardua sentença: a nós
Curvar a fronte ao Maximo
Factor, que d'elle apoz
Quiz de Seu Almo Espirito
Rasto maior deixar.

O procelloso e trépido
Prazer d'um grande plano,
A ancia de quem indomito
Serve p'ra ser sob'rano,
E o é; e ganha um premio,
Que era mania esp'rar;

Tudo provou: a gloria
Maior depois dos trances;
A fuga, e a victoria;
Do paço e exilio os lances;
Duas vezes no pó infimo;
Duas vezes sobre o altar.

Seu nome diz; dous seculos
Um contra o outro armado
Humildes vão render-se-lhe,
Como aguardando o fado.

Impôz silencio, e arbitro
Entre elles se sentou.

E foi-se. E os dias no ocio
Em praia exigua finda:
Alvo de inveja livida,
E de piedade infinda ;
D'inextinguivel ódio,
E amor, que não mudou.

Como a cabeça ao naufrago
A onda vérga e envolve ;
Ouda na qual o misero
De cima a vista volve
E a divisar esforça-se
Praia remota em vão;

Tal da memoria o cumulo
Sobre aquella alma cai.
Que vezes elle aos posteros
A si narrar-se vai,
E sobre a eterna pagina
Tomba a cansada mão!

Que vezes elle, ao tacito
Morrer d'ignavo dia,
Baixo o olhar fulmineo,
Braços cruzados, via
Os dias, que já foram-se,
A mente lh'assaltar !

As moveis tendas lembram-lhe,
Dos muros os abalos,
Dos sabres os relampagos,
A onda dos cavallos;
O concitado imperio,
O prompto obedecer.

Talvez ao cru martyrio
Cedeu o forte seio;
Desesperou; mas válido
Braço celeste veio,
E para um ar mais limpido
Piedoso o transportou.

E guia-o pelos flóridos
Trilhos da esperança,
Ao campo eterno, ao prémio
Que alem do almejo avança,
Onde é noite, é silencio
A gloria, que passou.

Bella, immortal, benefica
Fé a vencer affeita,
Inda isto escreve: alegra-te;
Que alteza mais eleita
Ao deshonor do Golgotha
Jamais se prosternou.

Tu d'estas cinzas frigidas
O impio fallar isola.
Deus, que te abate e eleva-te,
Que afflige-te e consola,
Sobre o deserto thalamo
Ao lado seu pousou.

D. PEDRO II

VISITA

VICTOR HUGO

Extrahimos o seguinte da interessante obra de Rivet—*Victor Hugo chez lui*.

Em 1877, D. Pedro de Alcantara, imperador do Brazil, visitava pela segunda vez a França. Tinha elle o mais vivo desejo de ver Victor Hugo, o que deu logar a incidentes curiosos.

Como Luiz XIV, o imperador lastimava a alta posição que o prendia, e sentia que certas regras da etiqueta viessem contrariar-lhe o o desejo. Por intermedio da legação brazileira, tinha mandado perguntar a Victor Hugo, se o poeta o visitaria, e o poeta respondera que não visitava a ninguem. O imperador mandou de novo perguntar ao poeta se poderia encontrar-se com elle em algum logar para lhe ser apresentado.

Victor Hugo respondeu que na sexta-feira seguinte iria a Versailles, e que, se o imperador do Brazil quizesse ir até lá, elle esperal-o- hia n' um gabinete do senado. Assim ficou marcada a entrevista para esse terreno neutro. N'isto houve o successo de 16 de maio, e o encontro do imperador e de Victor Hugo, que devia ter logar na sexta-feira 18, não se deu.

Então D. Pedro rompeu com toda a etiqueta e mandou simplesmente pedir ao poeta o favor de receber, em sua casa, o visitante, que se apresentaria sosinho, sem camarista nem mestre de cerimonias.

Na terça-feira 22 de maio, ás 9 horas da manhã, entrava o imperador do Brazil em casa de Victor Hugo. Ao comprimentar o poeta, disse-lhe estas palavras, que a historia deveria recolher: «Sr. Victor Hugo, anime-me, eu sou um pouco timido.»

Victor Hugo fel-o entrar para a sala e sentar-se ao lado d' elle.

«Sentando-me ao lado de Victor Hugo, disse então o imperador, cuido pela primeira vez que estou n'um throno.»

Depois, esses dois homens, a força e a grandeza, o poder e o genio, puzeram-se a conversar.

*

D. Pedro mostrou-se tal qual é, um amigo da França, da luz e do progresso: e, referindo-se aos outros soberanos, disse a Victor Hugo: —«Não queira muito mal aos meus collegas; elles vivem tão rodeados, tão embahidos e enganados, que não podem ter as nossas idéas»

E Victor Hugo respondeu-lhe: «—Sois unico...»

Felizmente!

—

Pouco tempo antes tinha Victor Hugo publicado *L'Art d'être grand père*. Depois de exprimir ao Poeta a sua admiração. e de repetir-lhe versos d'esse delicioso livro, D. Pedro pediu ao Mestre o obsequio de ser apresentado a Mll.e Jeanne.

Victor Hugo mandou chamar os netos...

—Jeanne, disse o poeta, apresento-te o inperador do Brazil.

—Quer darme um beijo, minha menina? disse D. Pedro.

E como Jeanne lhe apresentasse a fronte:

—Dá-me tambem um abraço, continuou elle.

Então, passando-lhe os braços em roda do pescoço, Mll.e Jeanne apertou-o com tanta força, que Victor Hugo disse-lhe sorrindo:

—Então, queres acaso dar-te o luxo de estrangular um imperador?»

—Senhor, proseguiu o Mestre, tenho a honra de apresentar o o meu neto Georges a Vossa Magestade.

E o imperador, voltando-se para Georges e alisando-lhe os bellos cabellos negros:

—Meu filho, disse, aqui não ha mais que uma magestade (mostrando Victor Hugo): eil-a.

—

Victor Hugo offereceu *l'Art d'être grand-père* ao imperador.

—O que vai escrever na primeira pagina? perguntou este.

—Vosso nome e o meu.

—Era o que ia pedir...

E Victor Hugo escreveu: «A D. Pedro de Alcantara, Victor Hugo».

Depois do que continuou a palestra.

—O senhor preoccupa-me muito, disse o imperador ao poeta. A cada instante pergunto-me a mim: Que estará fazendo Victor Hugo a esta hora? Eu quizera saber como emprega o seu dia.

O poeta contou-lhe então a sua vida, que acordava cedo e quanto trabalhava todos os dias.—«Depois de almoçar, por volta de uma hora da tarde, saio, accrescentou o poeta sorrindo, e faço uma cousa que o senhor não poderia fazer!— trepo nos omnibos.»

—Porque não, objectou o imperador, é uma cousa que me